

Efeito Golem e violência de gênero: influência das crenças limitantes sobre mulheres em relacionamentos abusivos.

Golem Effect and gender-based violence: influence of limiting beliefs on women in abusive relationships abusive behavior.

Fabiana Amaro de Brito¹ 

Universidad Internacional Iberoamericana, México, Campeche.

Resumo: Este estudo analisa como o Efeito Golem aliado a crenças limitantes contribuem para a perpetuação de comportamentos abusivos em casos de violência de gênero. A pesquisa, baseada em revisão bibliográfica, explora como estereótipos de gênero e expectativas negativas influenciam as dinâmicas de poder em relacionamentos abusivos, mantendo a mulher submissa na relação. O Efeito Golem é utilizado para explicar como crenças de incapacidade e dependência sustentam os ciclos de violência doméstica e familiar, sobretudo a psicológica. O estudo destaca a manipulação emocional e a violência simbólica como ferramentas de controle dos agressores e sustenta que a desconstrução dessas crenças é fundamental para estratégias preventivas e intervenções focadas na igualdade de gênero e na emancipação das vítimas.

Palavras-chave: Efeito Golem, crenças limitantes, violência de gênero, manipulação emocional

Abstract: This study analyzes how the Golem Effect and limiting beliefs contribute to the perpetuation of abusive behaviors in cases of gender-based violence. The research, based on a literature review, explores how gender stereotypes and negative expectations influence power dynamics in abusive relationships, reinforcing female submission. The Golem Effect is used to explain how beliefs of incapacity and dependence sustain cycles of domestic and family violence, especially psychologically. The study highlights emotional manipulation and symbolic violence as control tools used by abusers and suggests that the deconstruction of these beliefs is essential for preventive strategies and interventions focused on gender equality and the empowerment of victims

Keywords: Golem effect, limiting beliefs, gender violence, emotional manipulation

1 Doutoranda em Psicologia. Universidad Internacional Iberoamericana – México, Campeche. *E-mail:* fabiana.amaro@doctorado.unini.edu.mx

Submetido em: 15-04-2025. Primeira decisão editorial: 13-05-2025. Aceito em: 30-10-2025.

Introdução

O Efeito Golem é um fenômeno que descreve como expectativas negativas direcionadas a um indivíduo ou grupo podem impactar de maneira prejudicial seu desempenho, comportamento e autoestima. Originado a partir de pesquisas no campo da psicologia educacional, esse conceito explica que quando uma pessoa é vista por outra, ou por um grupo, como incapaz, incompetente ou limitada, essas expectativas negativas tendem a se concretizar por meio de uma série de respostas comportamentais e emocionais, tanto de quem está sendo avaliado quanto de quem avalia.

Dessa forma, as crenças limitantes e as expectativas sociais não apenas influenciam o desenvolvimento individual, mas também moldam as relações, interações e atitudes humanas, especialmente em contextos de poder e desigualdade, nos quais a dinâmica de controle e subjugação é verificada. Sua relevância nas ciências sociais e comportamentais se manifesta principalmente ao abordar como os estereótipos e as percepções negativas atuam para restringir oportunidades e consolidar estruturas sociais desiguais. Esse efeito, inicialmente estudado no contexto acadêmico, apresenta implicações amplas nas relações sociais e de poder, permeando ambientes profissionais, familiares e, como aqui apresentado, as relações de gênero.

A violência de gênero - e aqui devemos considerar tanto a violência visível quanto a invisível (simbólica) - está fortemente associada a normas e crenças sociais que reforçam estereótipos de submissão e inferioridade feminina. Definida como qualquer ato de violência motivado por questões de gênero, essa forma de abuso está enraizada em expectativas sociais que relegam as mulheres a papéis de menor poder e relevância. Contudo, conforme explicado por Connell (2005) é importante compreender que tais normas não existem de forma isolada, mas se enraízam em uma estrutura social mais ampla: o patriarcado. Este sistema, historicamente construído, organiza as relações de poder entre os gêneros e legitima práticas de dominação masculina em diferentes esferas da vida social.

Connell (2005) acrescenta que o patriarcado não é um conceito abstrato ou universal, mas assume formas específicas conforme o contexto histórico e cultural, expressando-se, por exemplo, por meio da masculinidade hegemônica e de suas variações. Dessa forma, as desigualdades de gênero devem ser entendidas como parte de um processo estrutural que ultrapassa o nível das crenças individuais e se articulam com dinâmicas sociais e institucionais mais amplas.

Nesse sentido, o Efeito Golem encontra terreno fértil para se manifestar e se estabelecer, pois as crenças de inferioridade sobre as mulheres sustentadas por padrões culturais e sociais, contribuem para a perpetuação de comportamentos abusivos e dinâmicas de poder desiguais. Quando um agressor acredita que sua parceira é naturalmente passiva ou submissa, essas crenças não apenas orientam suas atitudes de controle e desvalorização, como também induzem a vítima a internalizar esses estereótipos, de forma cada vez mais profunda, e a reproduzi-los em seu comportamento, criando um ciclo de autorrealização negativa que fortalece ainda mais a dinâmica abusiva.

Ao analisar o Efeito Golem no contexto da violência de gênero, percebe-se que as expectativas negativas sobre o papel das mulheres influenciam diretamente a forma como elas são tratadas e como se veem em situações de conflito e abuso. As crenças sociais que perpetuam a ideia de que mulheres são mais frágeis emocionalmente, mais fracas e subordinadas ao homem provedor, criam um ambiente propício para a manifestação de comportamentos abusivos, uma vez que essas expectativas orientam as interações e estabelecem limites para o comportamento e pensamento feminino. Dessa forma, algumas mulheres em relações abusivas tendem a encarar situações de violência psicológica, como humilhações e críticas constantes, devido à internalização de papéis de gênero que sustentam a dependência e a submissão.

Nesse cenário, o presente estudo justifica-se pela necessidade de aprofundar a compreensão de como o Efeito Golem, ao se manifestar em relações de gênero, contribui para a continuidade de dinâmicas de poder abusivas e de construção de crenças limitantes que afetam não apenas a percepção

das mulheres sobre si mesmas, mas também suas chances de reação e de resistência. Compreender essa dinâmica pode fornecer valiosas ferramentas para a desconstrução de estereótipos e para o desenvolvimento de intervenções que promovam relações equitativas e saudáveis. A relevância do tema também se dá no contexto das políticas públicas, uma vez que a violência de gênero é uma questão de saúde pública, de segurança pública e de direitos humanos, exigindo esforços multidisciplinares para a construção de uma sociedade em que homens e mulheres possam se relacionar sem a normalização de expectativas limitantes e maléficas.

O objetivo principal deste artigo é examinar como o Efeito Golem influencia comportamentos abusivos nas relações de gênero, explorando a interação entre crenças limitantes e violência de gênero. A proposta é analisar como essas expectativas negativas, sustentadas por normas sociais, contribuem para a manutenção de padrões de comportamento abusivo e para a naturalização da violência contra a mulher. Além disso, busca-se discutir as implicações dessas dinâmicas para a construção de políticas públicas voltadas à prevenção da violência e à promoção de relações de gênero saudáveis e equitativas.

Para tanto, será explicado de que forma o Efeito Golem se manifesta em situações de violência de gênero, já que influencia a autopercepção e o comportamento das mulheres e fortalece as crenças sociais que sustentam essa desigualdade. Assim, o artigo pretende contribuir para uma compreensão mais ampla de alguns mecanismos psicológicos e sociais que perpetuam a violência de gênero e fornecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e prevenção.

Efeito Golem

O termo Efeito Golem foi inicialmente utilizado para descrever um fenômeno observado no contexto educacional, no qual expectativas negativas geradas pelos educadores resultam em desempenhos mais baixos por parte dos alunos. Esse conceito surgiu a partir do clássico experimento realizado por Robert Rosenthal e Lenore Jacobson

(2003): professores foram informados de que certos alunos possuíam menor potencial de desenvolvimento intelectual, quando na verdade os estudantes foram escolhidos aleatoriamente.

Os resultados mostraram que os alunos rotulados como de “baixo potencial” apresentaram, de fato, um desempenho inferior ao longo do ano. Contudo, esse fato não se deu devido ao baixo intelecto dos alunos, mas sim em decorrência das expectativas negativas que os professores passaram a ter sobre eles, estabelecendo ali um ciclo de retroalimentação negativa.

O Efeito Golem se estabelece quando as expectativas negativas se tornam uma espécie de profecias autorrealizáveis, influenciando a maneira como o indivíduo se enxerga e se comporta, de acordo como é classificado e tratado. Isso pode ocorrer de forma consciente ou inconsciente por parte de quem define essas expectativas, mas sempre resulta em um impacto significativo sobre quem as recebe.

Outros estudos posteriores, como o de Lee Jussim (2012), demonstraram que, embora o Efeito Golem seja mais evidente no ambiente educacional, no qual a figura de autoridade do professor é um elemento chave, ele também é observado em outras esferas sociais, como o ambiente organizacional e as relações familiares. Jussim (2012) explica que o impacto das expectativas negativas não se limita ao ambiente escolar, mas afeta diversos contextos sociais e profissionais, influenciando a autopercepção, a autoestima e as relações de poder. A expectativa negativa, quando aplicada a grupos estigmatizados, como mulheres em ambientes dominados por homens ou em cargos de liderança ocupados por grupos étnico-raciais marginalizados, reforça estereótipos e cria barreiras para o desenvolvimento e a promoção dessas pessoas. A influência dessas expectativas sobre o comportamento humano é tão profunda que, em muitos casos, os indivíduos acabam se comportando de acordo com o rótulo imposto, mesmo quando inicialmente não correspondiam a essas características. Assim, o indivíduo tende a se moldar de acordo com a expectativa, ainda que negativa, que nele é depositada.

Carol Dweck (2006) acrescenta a importância

de se compreender a influência das expectativas negativas no desenvolvimento de mentalidades fixas e limitantes. Em seu trabalho sobre a teoria dos *mindsets*, Dweck (2006) explica que pessoas que internalizam crenças de incapacidade, como aquelas associadas ao Efeito Golem, desenvolvem uma “mentalidade fixa”, acreditando que suas habilidades são inatas e imutáveis. Isso limita a disposição de enfrentar desafios e a capacidade de crescer e aprender a partir de experiências, perpetuando o ciclo de fracassos e baixa autoconfiança.

Dentre as principais aplicações do Efeito Golem, podemos citar a análise de relações de poder, estigmatização e perpetuação de desigualdades sociais, especialmente a pessoas que pertencem a grupos historicamente vulnerabilizados como mulheres, grupos étnico-raciais marginalizados e pessoas com deficiências. Em situações de discriminação de gênero, por exemplo, expectativas negativas sobre a competência das mulheres em certos campos profissionais e acadêmicos, como ciência e tecnologia ou profissões ligadas ao desempenho físico como futebol, e ainda ao militarismo, acabam por desestimular a participação feminina nessas áreas, levando a uma sub-representação que é utilizada para justificar essas mesmas expectativas, fechando o ciclo de desigualdade e inferioridade (Rosenthal & Jacobson, 2003).

No ambiente organizacional, o Efeito Golem também pode ser observado na prática da “autoavaliação negativa”, na qual indivíduos de grupos estigmatizados passam a questionar suas próprias habilidades e acabam por se conformar com papéis subalternos, aquém das suas reais potencialidades. Isso é particularmente evidente em contextos profissionais em que a meritocracia é empregada como um princípio básico, mas as expectativas negativas sobre certos grupos limitam a avaliação justa de suas competências e habilidades. A partir desse ponto, cria-se um ciclo de confirmação em que o potencial do indivíduo é subaproveitado, reforçando as crenças originais sobre sua suposta incapacidade, já que ele passa a internalizar aquele julgamento e se molda a ele (Jussim, 2012).

No contexto jurídico o Efeito Golem também é evidente, pois influencia a maneira como

juízes e jurados percebem e julgam indivíduos pertencentes a grupos estigmatizados. Estudos demonstram que réus pertencentes a grupos étnico-raciais marginalizados recebem tratamentos mais severos, mesmo quando apresentam históricos e circunstâncias semelhantes aos de réus brancos. As expectativas negativas sobre comportamentos violentos e delinquentes baseadas em raça ou etnia contribuem para decisões enviesadas, enfatizando a desigualdade no sistema de justiça (Jussim, 2012).

Dessa forma, o Efeito Golem é uma ferramenta valiosa para entendermos como expectativas negativas podem transformar-se em comportamentos que validam essas mesmas expectativas, especialmente em contextos de desigualdade e discriminação. Isso porque ao atuar como um mecanismo de autorreforço, ele contribui para a estagnação social de grupos vulnerabilizados e para a manutenção de estruturas de poder, sendo, portanto, um conceito central para a compreensão das dinâmicas de exclusão social e dos desafios enfrentados em processos de inclusão e equidade (Dweck, 2006), sobretudo nas relações de gênero.

Violência de gênero

A violência de gênero é um fenômeno complexo que se manifesta de várias formas, como: violência doméstica, violência institucional, violência médica etc. Essas formas de violência são enraizadas em normas sociais e culturais que sustentam a desigualdade entre homens e mulheres, reforçam estereótipos de gênero e atribuem aos homens uma posição de superioridade e controle, enquanto as mulheres tendem a ser vistas como subordinadas e passivas. Esse tipo de violência não se limita a agressões físicas, mas abrange também comportamentos e atitudes que visam à subjugação da vítima, minando sua autonomia e dignidade (Butler, 2002).

Contudo, embora haja esse enraizamento da violência estrutural, Saffioti (2015) desnaturaliza a submissão de um sexo a outro, ao considerar que a dominação masculina não é um fenômeno biológico ou isolado, mas sim um sistema de poder estruturalmente imbricado nas relações de classe e

raça, e evidencia como a própria instituição familiar é um terreno de reprodução e manutenção da dominação. A autora também expande o conceito de violência para além de sua manifestação física, abrangendo as formas simbólicas, psicológicas e estruturais que operam nas malhas fina e grossa da sociedade. Saffioti (2015) acrescenta que o patriarcado se manifesta por meio de um complexo ideológico que, historicamente, confina a mulher ao espaço privado, ao mesmo tempo em que permeia as instituições públicas, incluindo o direito e os mecanismos de segurança.

Pierre Bourdieu (2023) argumenta que a violência simbólica é uma das formas mais insidiosas de controle, pois opera de maneira sutil e invisível, sem recorrer à coerção física explícita. Essa violência simbólica se manifesta por meio de práticas culturais, sociais, políticas e econômicas que reforçam a dominação masculina e são aceitas tanto por homens quanto por mulheres como naturais e legítimas, ou seja, aceitas pela sociedade em geral. Um exemplo prático é a crença de que as mulheres são as responsáveis pelas tarefas domésticas e pela educação dos filhos, mesmo quando possuem carreiras profissionais. Essa aceitação tácita de papéis desiguais e funções desequilibradas dificulta a percepção da violência simbólica e torna mais desafiadora ainda a resistência a ela, pois as vítimas frequentemente percebem essas normas como parte de suas identidades e de suas obrigações sociais e culturais, internalizando-as.

A construção da masculinidade hegemônica é abordada por Raewyn Connell (2005) como um dos principais fatores que perpetuam a violência de gênero. A autora classifica essa hegemonia como um ideal cultural que enfatiza a força, o poder e o controle como características desejáveis no comportamento masculino, frequentemente associadas a atitudes agressivas. Esse modelo de masculinidade estabelece uma hierarquia de poder em que homens que não se conformam a esse ideal, como aqueles que demonstram características associadas à feminilidade, são vistos como fracos e inferiores; tendo, inclusive, sua masculinidade e virilidade questionadas. No contexto da violência de gênero, essa construção contribui para a manutenção

de comportamentos abusivos e para a imposição de normas que desvalorizam as mulheres e reforçam sua posição de subordinação.

Essas crenças de inferioridade e submissão feminina são mantidas por meio de práticas cotidianas que, apesar de parecerem triviais, reforçam a passividade e a dependência das mulheres. Comportamentos como controle financeiro, manipulação emocional e desvalorização das opiniões e habilidades femininas são estratégias utilizadas para minar a autoestima e a autonomia das mulheres, criando-se uma gaiola de dependência e fragilidade. Esses comportamentos são parte de um sistema mais amplo de controle sustentado por normas e expectativas sociais que moldam a maneira como mulheres e homens interagem (Connell, 2005).

Seguindo essa análise, Butler (2002) explica que a violência psicológica é uma forma de agressão que muitas vezes passa despercebida, pois não deixa marcas físicas visíveis; contudo, seu impacto é profundo e duradouro, afetando a saúde mental e emocional das vítimas, e impactando em familiares e pessoas próximas. Esse tipo de tormento mental inclui comportamentos como humilhação, isolamento social, manipulação emocional, chantagem e outros, levando as vítimas, inclusive, a acreditarem que são merecedoras desse tratamento e até mesmo culpadas pela violência que sofrem. Essa situação cria um ambiente de dependência emocional, no qual se torna cada vez mais difícil romper o ciclo de abuso. Por isso a violência psicológica é frequentemente utilizada como um precursor de outras formas de violência, como a violência física, preparando o terreno para o controle total da vítima.

Voltando ao conceito de violência simbólica abordado por Bourdieu (2023), compreendemos que ela também se apresenta como uma forma de controle que atua no nível das ideias e valores, reforçando a naturalização da desigualdade de gênero. Esse simbolismo é exercido por meio de discursos e práticas que desvalorizam as mulheres e legitimam a dominação masculina, estando presente em expressões culturais, na linguagem e nas representações midiáticas que objetificam as mulheres e reforçam sua posição de subordinação. Ao aceitar esses valores e normas como “naturais” ou

pertencentes a uma cultura incontestável, as vítimas, ainda que inconscientes disso, frequentemente internalizam sua própria inferioridade, o que dificulta a subversão.

A violência simbólica é exercida essencialmente pela imposição, pela linguagem ou pela comunicação de símbolos que, sem recorrer à violência física, estabelecem normas e limites para os papéis sociais de homens e mulheres, legitimando a dominação masculina e naturalizando a subordinação feminina. A aceitação tácita desse sistema por parte das mulheres é um dos elementos mais insidiosos dessa forma de violência, pois, ao internalizarem as expectativas de inferioridade, as mulheres acabam por contribuir, mesmo que involuntariamente, para sua própria subjugação (Bourdieu, 2023, p. 145).

Para além do contexto simbólico, as materializações da violência de gênero ocorrem também no nível estrutural, por meio de políticas e práticas institucionais que discriminam as mulheres e limitam suas oportunidades. A ineficiência de políticas de apoio a mulheres em situação de violência, como abrigos ou serviços de apoio jurídico, é uma forma de violência estrutural que perpetua a dependência e a vulnerabilidade das vítimas. Da mesma forma, a falta, ou a quantidade ainda inadequada, de iniciativas para promover a igualdade de gênero no mercado de trabalho reforça a desigualdade econômica, que é uma das principais barreiras para que as mulheres possam dar fim a relações abusivas e reconstruir suas vidas, sobretudo quando há filhos (Connell, 2005).

Assim sendo, a violência de gênero praticada contra a mulher não é apenas um conjunto de atos individuais de agressões, mas sim se origina em um sistema complexo de dominação que se manifesta em vários níveis para além do físico e psicológico. A construção da masculinidade hegemônica, as normas culturais que reforçam a desigualdade e as práticas institucionais discriminatórias são elementos que contribuem para a manutenção desse sistema. Por isso, para se analisar a violência de gênero é necessária uma visão e compreensão holística dos

fatores que interagem e se reforçam mutuamente, criando um ambiente no qual a violência é naturalizada e perpetuada (Connell, 2005).

Crenças limitantes e relações abusivas

Crenças limitantes são percepções internalizadas que restringem o potencial e a capacidade de resistência de um indivíduo, tornando-o vulnerável a dinâmicas de controle e subjugação. Essas crenças são formadas por meio de processos sociais, culturais e psicológicos que definem o que é ou não possível para determinada pessoa com base em expectativas sociais e estereótipos. Quando aplicadas a mulheres em contextos de violência de gênero, essas crenças limitantes contribuem para a internalização de padrões de comportamento que reforçam a submissão e a passividade, criando um ciclo de autossabotagem e aceitação de papéis inferiores aos dos homens.

Dentre essas crenças estão as ideias de que as mulheres são menos capazes de tomar decisões; que são muito emocionadas; que precisam de um homem para orientá-las ou protegê-las; e que sua principal função é servir e cuidar da família. Ao internalizarem esses pensamentos, as mulheres acabam aceitando lugares de dependência e subjugação, o que pode propiciar a ação de abusos e violências (Pontes et al., 2022).

Esses comportamentos abusivos contribuem para a internalização de crenças de inferioridade, que se enraízam profundamente na percepção que a mulher tem de si mesma. A repetição constante de críticas e a comparação com outras figuras femininas reforçam a sensação de inadequação, levando a vítima a acreditar que ela nunca será suficiente ou digna de respeito. Com o tempo, essas crenças limitantes se tornam verdades incontestáveis, não apenas para o agressor, mas também para a própria vítima, que passa a aceitar seu papel submisso como algo natural e inevitável. Dessa forma, esse ciclo de violência e submissão é perpetuado por uma espécie de processo de autossabotagem, no qual a mulher em situação de violência, incapaz de reconhecer seu valor, sente-se cada vez mais dependente do homem autor da violência e menos propensa a buscar ajuda

externa ou romper com a relação abusiva (Herman, 2015).

Diante disso, o processo de internalização dessas crenças é, muitas vezes, potencializado também pela ausência de apoio externo e pela falta de conscientização sobre os direitos da mulher e as dinâmicas de violência de gênero. A mulher, ao ser distanciada de amigos, familiares e outros grupos sociais, perde a oportunidade de validar suas experiências com outras pessoas e de ouvir perspectivas alternativas que desafiem as crenças impostas pelo agressor. Dessa maneira, ela se vê presa em um padrão no qual as únicas coisas que ouve e assimila são as que reforçam sua inferioridade e dependência. A manipulação emocional e a violência simbólica criam um ambiente de aprisionamento psicológico, no qual ela é gradativamente condicionada a aceitar essas expectativas como verdades absolutas e a ver sua identidade e valor através da lente distorcida do agressor, moldando seu comportamento para caber naqueles juízos (Herman, 2015).

Nesse contexto, as crenças limitantes são frequentemente utilizadas como ferramentas de manipulação emocional nos relacionamentos abusivos. Agressores empregam estratégias de controle emocional, como a crítica constante, a ridicularização e a desvalorização das habilidades e opiniões da vítima, para minar sua autoestima e criar um ambiente psicológico em que a mulher se sente incapaz de agir por si mesma. Dessa forma, a mulher é levada a um processo gradual de redução da sua autoconfiança, sendo levada a duvidar de suas próprias percepções e julgamentos, aceitando cada vez mais a visão distorcida do agressor como a verdade. Esse ambiente de manipulação e dependência emocional torna a mulher vulnerável a um ciclo de violência que se perpetua com base na crença de que ela é responsável pela manutenção do relacionamento, mesmo quando isso implica aceitar os abusos como uma “normalidade” (Hirigoyen, 2018).

Sob essa perspectiva, podemos, portanto, compreender a violência psicológica como uma forma de agressão emocional e moral que é especialmente destrutiva devido à sua capacidade de

corroer lentamente a identidade e a autopercepção da vítima. A reiteração de ideias como “você nunca será boa o suficiente”; “ninguém vai te querer”; “você é burra e não vai conseguir um emprego” são estratégias para destruir a resistência psicológica e criar uma dependência emocional que dificulta a ruptura com o relacionamento violento. Assim, a violência psicológica, apesar de não deixar marcas visíveis, é capaz de dismantelar a autoestima e a capacidade de resistência da vítima de maneira ainda mais duradoura e profunda (Hirigoyen, 2018).

Além disso, crenças limitantes frequentemente estão associadas a estigmas sociais e expectativas de gênero que moldam o comportamento de mulheres em relações abusivas. As crenças de que “mulheres devem ser compreensivas” ou que “o papel da mulher é manter a harmonia no lar” são exemplos de normas internalizadas que inibem as vítimas de denunciar abusos ou de tomar medidas para romper com o ciclo de violência. Essas crenças funcionam como barreiras psicológicas que fazem com que as mulheres se sintam responsáveis por suportar o sofrimento em prol da estabilidade do relacionamento ou da família, o que dificulta a busca por apoio ou o rompimento com o agressor. Por isso, a violência psicológica e as crenças limitantes atuam em conjunto, reforçando a ideia de que a mulher deve se submeter e aceitar a situação como uma parte intrínseca de sua identidade e função social (Pontes et al., 2022).

Outro aspecto importante relativo às crenças limitantes é a maneira como elas são cultivadas não apenas pelo agressor, mas também por outras figuras de autoridade e até mesmo pela própria sociedade. Em contextos de violência de gênero, a família, os amigos e as instituições sociais podem, de maneira consciente ou inconsciente, apoiar essas crenças ao minimizar a gravidade da violência ou ao pressionar a vítima a permanecer no relacionamento. Frases como “ele vai mudar”; “ele só estava em um mau momento” ou “é melhor manter a família unida” robustecem a ideia de que a mulher deve suportar o abuso para manter uma imagem socialmente aceitável de mulher, esposa, mãe. Isso contribui para um sentimento de culpa e responsabilidade que é manipulado pelo agressor para manter seu controle

e a dependência emocional da mulher, prolongando o ciclo de violência (Pontes et al., 2022).

Portanto, a violência psicológica é uma arma poderosa que atua sobre a mente e as emoções da vítima, usando, dentre outras ferramentas, as crenças limitantes para criar um ambiente de opressão quase invisível. Esse tipo de violência é particularmente eficaz porque além de destruir a capacidade de resistência das vítimas, também altera sua percepção da realidade, tornando-a incapaz de enxergar a própria realidade em que vive como abusiva.

A crença de que não é digna de respeito ou de que deve aceitar o abuso por ser “culpada” pelos problemas do relacionamento leva a mulher a se sentir presa em um ciclo de autoacusação e desesperança, do qual é muito difícil sair sem apoio externo (Hirigoyen, 2018).

Por fim, é importante destacar que a desconstrução dessas crenças limitantes é um passo primordial para fortalecimento e a superação de mulheres que vivenciam relações abusivas. Esse processo envolve não apenas o apoio psicológico voltado ao resgate da autoestima e da autoconfiança, mas também uma reeducação social e cultural que promova a igualdade de gênero e desafie as normas que sustentam a inferioridade feminina, muito além do âmbito conjugal. A conscientização sobre o impacto das crenças limitantes e da violência psicológica é fundamental para criar estratégias de intervenção que empoderem as mulheres a reconhecerem seu valor e a romperem com ciclos de violência (Pontes et al., 2022).

Metodologia

A metodologia adotada neste estudo é baseada em uma revisão bibliográfica, com o objetivo de explorar o impacto do Efeito Golem e das crenças limitantes nas relações de gênero e na perpetuação de comportamentos abusivos. A revisão bibliográfica foi escolhida como metodologia principal devido à sua capacidade de fornecer uma base teórica ampla e contextualizada, permitindo a análise aprofundada dos fenômenos estudados a partir de múltiplas perspectivas já consolidadas na

literatura. Essa abordagem possibilita identificar e sintetizar os principais conceitos, teorias e estudos empíricos que contribuem para a compreensão das dinâmicas de violência de gênero e das expectativas sociais que moldam comportamentos abusivos (Rosenthal & Jacobson, 2003).

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de busca sistemática em bases de dados acadêmicas como *Scielo*, *Google Scholar*, *Redalyc* e periódicos especializados, utilizando palavras-chave como “Efeito Golem”, “crenças limitantes”, “violência de gênero”, “relações abusivas” e “expectativas sociais”. Foram incluídos estudos publicados cujos focos abordam a relação entre violência psicológica e crenças internalizadas, bem como a influência de normas sociais no comportamento feminino (Jussim 2012). Também foram consultados livros notórios que estabelecem a base teórica para a análise de gênero e expectativas sociais, como as obras de Butler (2002), Connell (2005) e Bourdieu (2023), que são amplamente reconhecidas por sua contribuição ao entendimento das relações de poder e das construções simbólicas de gênero.

A revisão bibliográfica foi estruturada em três etapas: na primeira foi realizada a leitura exploratória dos textos selecionados para identificar as contribuições mais relevantes e organizar o material de acordo com categorias temáticas iniciais, como “violência simbólica”, “masculinidade hegemônica”, “crenças limitantes” e “Efeito Golem” (Dweck, 2006). Na segunda etapa, os textos foram submetidos à leitura analítica mais detalhada, visando a destacar conceitos centrais, teorias e evidências empíricas que sustentassem a discussão sobre como expectativas sociais e crenças limitantes atuam para justificar comportamentos abusivos em relações de gênero (Hirigoyen, 2018). Nessa etapa foram priorizados estudos que apresentam análises contextuais e aplicadas, sobretudo aqueles que discutem os impactos de crenças internalizadas sobre a autoimagem e a capacidade de resistência das mulheres.

Na terceira e última etapa foi realizada a síntese das informações obtidas, organizando os achados em eixos temáticos que serviram de base para a construção do referencial teórico. Cada

eixo foi aprofundado a partir da triangulação de autores e conceitos, evidenciando como o Efeito Golem, inicialmente aplicado ao contexto educacional, pode ser desdobrado para explicar dinâmicas de poder em relações abusivas. Nessa perspectiva, os estudos de Jussim (2012) sobre a influência das expectativas sociais no comportamento foram combinados com as análises de Hirigoyen (2018) sobre violência psicológica para ilustrar como a internalização de crenças limitantes gera um ciclo de autossabotagem e submissão nas vítimas (Hirigoyen, 2018; Jussim, 2012).

No tocante às fontes bibliográficas utilizadas, a maioria dos textos consultados são artigos científicos publicados em periódicos de alto impacto, livros teóricos de autores consagrados no campo dos estudos de gênero que oferecem um panorama amplo sobre a incidência e as características da violência de gênero contra a mulher.

As referências principais incluem obras de Rosenthal e Jacobson (2003) que introduziram o conceito de Efeito Golem; Jussim (2012) que amplia a discussão sobre as profecias autorrealizáveis e suas implicações sociais; Dweck (2006) que explora o impacto das mentalidades fixas e limitantes no desenvolvimento pessoal e social; e Bourdieu (2023) que explica a fundo as origens da dominação masculina e da violência simbólica.

Por meio dessa metodologia foi possível construir uma base teórica sólida para discutir como o Efeito Golem, em conjunto com as crenças limitantes, contribui para a manutenção de comportamentos abusivos em contextos de violência de gênero.

A revisão bibliográfica realizada teve como objetivo mapear estudos e teorias relacionados à violência de gênero, ao Efeito Golem e às crenças limitantes, permitindo compreender e comparar o estado atual das pesquisas sobre o tema. Esse processo possibilitou identificar lacunas na literatura, evidenciando a necessidade de investigações mais detalhadas sobre as interações entre expectativas sociais e violência simbólica, bem como sobre o papel das crenças limitantes em diferentes contextos culturais e socioeconômicos (Machado, 2020). Dessa forma, a revisão bibliográfica aqui apresentada desempenhou papel fundamental na consolidação do conhecimento existente e na definição dos eixos analíticos que orientam a presente discussão.

Diante disso, foi possível delinear um referencial teórico que articula o Efeito Golem e as crenças limitantes dentro de um quadro mais amplo de violência simbólica contra a mulher e expectativas de gênero, contribuindo para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas de poder que operam em relações abusivas (Araújo, 2022; Reblin & Viana, 2020).

Quadro 1: Relação de dados dos trabalhos selecionados.

continua

Ano	Autor	Título	Objetivo
2002	Butler, J.	Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity.	Feminismo. Explorar a construção das identidades de gênero e subverter normas de gênero que perpetuam desigualdades.
2003	Rosenthal, R., & Jacobson, L.	Pygmalion in the Classroom: Teacher Expectation and Pupils' Intellectual Development.	Analisar o impacto das expectativas dos professores no desempenho acadêmico dos alunos.
2005	Connell, R.	Masculinities.	Investigar as diferentes formas de masculinidade e como elas se relacionam com o poder e as desigualdades de gênero.
2006	Dweck, C.	Mindset: The New Psychology of Success.	Explorar como as crenças sobre habilidades influenciam a forma como as pessoas enfrentam desafios e se desenvolvem.
2012	Jussim, L.	Social perception and social reality: Why accuracy dominates bias and self-fulfilling prophecy.	Analisar como as percepções sociais e expectativas afetam o comportamento e a construção da realidade social.
2015	Herman, J.	Trauma and recovery: The aftermath of violence—from domestic abuse to political terror.	Explorar os impactos psicológicos da violência e do abuso contínuo; como as vítimas internalizam a desvalorização; e como contribui para sua vulnerabilidade e submissão nas relações abusivas.

Quadro 1: Relação de dados dos trabalhos selecionados.

continua

Ano	Autor	Título	Objetivo
2015	Saffioti, H.	Gênero, patriarcado e violência.	Compreender e reforçar a relação estrutural entre patriarcado e violência.
2018	Hirigoyen, M. F.	Le Harcèlement Moral: La violence perverse au quotidien.	Estudar as dinâmicas da violência psicológica e suas implicações na saúde mental das vítimas.
2020	Reblin, I. A., & Viana, N. (Eds.)	Super-heróis, cultura e sociedade.	Analisar a influência dos super-heróis na construção de normas sociais e como essas representações moldam expectativas sociais.
2021	Rosenfeld, I.	Fragmentos de um homem de barro: o golem e o poder de criação da palavra.	Explorar a influência do discurso e das expectativas no comportamento humano, usando a metáfora do Golem.
2022	Araújo, L. B. N.	Das origens do patriarcado ao surgimento do movimento feminista.	Feminismo. Analisar o desenvolvimento do patriarcado e como o movimento feminista emergiu como resposta para quebrar estereótipos machistas.
2022	Pontes, M. M., Marques, N. S., & Abreu, P. S.	Análise funcional da norma técnica uniformizadora dos centros de referência da mulher.	Feminismo. Analisar as normas técnicas dos centros de referência da mulher para identificar práticas que favoreçam a proteção de vítimas.
2023	Bourdieu, P.	A dominação masculina – A condição feminina e a violência simbólica.	Analisar a dominação masculina e a violência simbólica contra as mulheres e compreender a origem do problema.

Fonte: Próprio autor (2025).

Discussão

Crenças limitantes como “mulheres são naturalmente mais emocionais e menos racionais”, são frequentemente utilizadas para justificar comportamentos abusivos e silenciar a vítima em contextos de violência de gênero. Esse tipo de crença, além de ser fundamentada em estereótipos, molda as interações de maneira a perpetuar papéis de submissão e inferioridade feminina. A violência psicológica, por exemplo, é um dos principais mecanismos por meio dos quais essas crenças se materializam. Ela se manifesta por meio de críticas constantes, comparações depreciativas e isolamento social - estratégias que reduzem gradualmente a autoestima e a capacidade de resistência da mulher. Dessa forma, a violência psicológica não é apenas um ataque ao estado emocional, mas uma estratégia para consolidar a crença de que a mulher é inerentemente fraca e incapaz de agir por conta própria (Machado, 2020).

As expectativas negativas sobre as mulheres, como crenças de incapacidade e de dependência, desempenham um papel fundamental na sustentação de comportamentos abusivos, tanto psicológicos quanto físicos, morais, sexuais e patrimoniais. Essas crenças não atuam de maneira isolada, ao contrário: são construídas e reiteradas ao longo do tempo por meio de interações sociais, normas culturais e representações simbólicas que moldam o comportamento esperado das mulheres dentro da sociedade (Bourdieu, 2023). Quando um agressor acredita que sua parceira é naturalmente passiva, submissa ou incapaz de tomar decisões por conta própria, ele tende a se comportar de maneira a validar essas percepções. Nesse contexto, o Efeito Golem — caracterizado pela influência das expectativas negativas no comportamento de um indivíduo — se manifesta como um mecanismo que orienta e intensifica as atitudes de controle e desvalorização por parte do abusador, enquanto simultaneamente contribui para a internalização desses rótulos pela vítima, bem como do comportamento respectivo (Rosenfeld, 2021).

O Efeito Golem se estabelece quando crenças negativas, como a suposta falta de competência ou a fragilidade emocional da mulher, são utilizadas pelo agressor para justificar comportamentos de controle e imposição. É frequentemente observado o uso de frases como “você não consegue fazer nada certo”, “você não faz nada sozinha” ou “sem mim, você estaria perdida”, que além de desvalorizarem a mulher também funcionam como profecias autorrealizáveis, fazendo com que ela comece a acreditar que, realmente, depende

do agressor para viver e tomar decisões, chancelando uma relação de submissão em relação ao homem. Essas expectativas negativas moldam a percepção que o agressor tem sobre o papel e o valor de sua parceira, levando-o a adotar comportamentos mais restritivos e dominadores, enquanto a mulher, por sua vez, absorve essas expectativas como verdades pessoais, reforçando um ciclo de dependência e de abusos (Rosenfeld, 2021).

Relativamente ao contexto de violência doméstica, a manipulação emocional se torna um mecanismo eficaz para reforçar essas expectativas negativas, resultando na contínua diminuição da autoestima e da autonomia da mulher. Assim, a violência psicológica, manifestada por críticas constantes, humilhação e isolamento social, dentre tantas outras formas, atua como uma agressão emocional e moral que devido à sua alta constância, mina a capacidade da vítima de reagir e resistir à opressão. Essa dinâmica é particularmente evidente em relacionamentos em que o agressor se utiliza do Efeito Golem para isolar a mulher de familiares e amigos, além de comunidades sociais como clubes, instituições religiosas, grupos de apoio e até mesmo dos órgãos de segurança, impedindo que ela tenha acesso a informações ou alternativas que poderiam ajudá-la a lidar com a situação.

A manipulação emocional se manifesta por meio de táticas como a culpabilização - “você estraga tudo porque é fraca” e a minimização dos sentimentos da vítima - “você é sensível demais”, “você chora por qualquer coisa”, isso cria um contexto em que a própria vítima passa a questionar a validade de suas reações e emoções, aceitando a visão do agressor como a única verdade (Reblin & Viana, 2020).

A manipulação emocional e o uso de violência simbólica são recursos adicionais utilizados para consolidar esse processo de submissão. A manipulação emocional envolve distorcer a realidade da vítima, fazendo-a acreditar que ela é a responsável pelos conflitos e pelo comportamento abusivo do parceiro. Isso pode ser exemplificado em situações nas quais o agressor diz coisas como: “você me força a agir assim” ou “se você fosse mais calma, eu não perderia o controle”. Tais afirmações afetam

negativamente a capacidade crítica da mulher e a fazem questionar suas próprias percepções, o que leva a um estado de confusão emocional que reforça ainda mais sua dependência em relação ao agressor. A violência simbólica, por sua vez, utiliza-se de representações culturais e sociais para legitimar a dominação masculina, transmitindo a ideia de que certos comportamentos de controle e desvalorização são normais e até mesmo esperados em relações entre homens e mulheres (Araújo, 2022; Bourdieu, 2023).

Para além dessa manipulação, o Efeito Golem costuma ser reforçado por interações simbólicas e culturais que desvalorizam o papel da mulher. Em sociedades nas quais a masculinidade é associada ao controle e à força, enquanto a feminilidade é associada à fragilidade e à submissão, assim as expectativas negativas sobre as mulheres são institucionalizadas e reforçadas por discursos sociais que legitimam a dominação masculina (Bourdieu, 2023). Nesse sentido, o agressor não precisa apenas impor diretamente essas expectativas à vítima, pois elas já estão implícitas nas normas e valores sociais que ambos internalizaram. Quando a violência de gênero é vista como uma “questão privada” ou como algo “natural” em certas culturas, as crenças limitantes que sustentam o Efeito Golem se tornam parte do tecido social, dificultando a resistência da vítima e a responsabilização do agressor (Rosenfeld, 2021).

O impacto do Efeito Golem em contextos de violência de gênero contra a mulher se manifesta, sobretudo, na forma como a vítima passa a se comportar e a ver a si mesma. À medida que as expectativas negativas se consolidam, a mulher tende a desenvolver o que Dweck (2006) chama de “mentalidade fixa” - a crença de que suas características e capacidades são imutáveis. Dessa forma, a vítima não apenas aceita o papel de inferioridade que lhe é imposto, como também deixa de buscar alternativas de crescimento pessoal ou de saída do relacionamento abusivo. Essa internalização das expectativas do agressor culmina em um estado de “conformidade imposta”, no qual a vítima acredita que qualquer tentativa de se libertar é inútil ou condenada ao fracasso desde o início (Dweck, 2006).

Nessa perspectiva, a violência simbólica, conforme descrita por Bourdieu (2023), contribui em muito para esse cenário maléfico. Ao utilizar símbolos e práticas culturais que desvalorizam a mulher — como linguagem depreciativa, piadas sexistas e representações midiáticas que reforçam estereótipos de gênero, o agressor reforça as crenças de inferioridade e dependência feminina. Assim, a violência simbólica atua como um meio invisível de controle que legitima a dominação masculina e dificulta a identificação da vítima como uma pessoa em situação de abuso, até por ela mesma.

A naturalização dessas crenças é tão forte que muitas mulheres em relações abusivas não se reconhecem como vítimas, pois acreditam que estão apenas cumprindo um papel esperado e socialmente aceitável para seu gênero (Bourdieu, 2023).

Nesse cenário, o Efeito Golem opera em contextos de violência de gênero de maneira complexa, utilizando-se de crenças limitantes e expectativas negativas para moldar a percepção e o comportamento de ambos - mulher que vivencia violência e homem autor de violência. A mulher, ao absorver essas expectativas como parte de sua identidade, acaba por adentrar em um ciclo de autossabotagem e passividade, ao passo que o agressor se sente legitimado em sua posição de controle e tem sua expectativa negativa atendida pelo comportamento da outra parte.

A desconstrução desse cenário passa pela conscientização de ambos os lados sobre como essas crenças são construídas e mantidas, e pela promoção de novas expectativas que valorizem a igualdade e a autonomia (Rosenfeld, 2021). O entendimento amplo e holístico de como o Efeito Golem se manifesta em contextos de violência contra a mulher é fundamental para se desenvolver estratégias de intervenção eficazes que abordem tanto o comportamento dos agressores quanto o empoderamento das mulheres, promovendo um ambiente em que as expectativas sociais não sejam mais um obstáculo à igualdade de gênero e à dignidade humana (Reblin & Viana, 2020).

Nesse contexto, as crenças limitantes influenciam em grande parte a manutenção da submissão feminina e a continuidade da violência contra a mulher. Além de justificarem

o comportamento abusivo do agressor, também impedem a vítima de enxergar sua situação como injusta ou abusiva.

Diante disso, para romper com esse ciclo, é necessário um processo de desconstrução dessas crenças por meio de ações educativas, apoio psicológico e fortalecimento das redes de apoio para mulheres em situação de violência. A conscientização sobre os direitos e o valor das mulheres é um passo essencial para empoderar vítimas a resistirem à violência e buscarem uma vida livre de abusos, ainda que simbólicos (Araújo, 2022).

Nesse sentido, é preciso direcionar grandes esforços visando ao fortalecimento e à superação das mulheres já vitimizadas, pois os traumas e suas respectivas curas podem demandar longos tratamentos. Segundo Herman (2015) o trauma psicológico é o resultado de uma experiência de impotência extrema frente a uma ameaça que compromete a integridade física, a identidade ou a vida do indivíduo. A violência traumática, segundo a autora, destrói o senso de controle da vítima sobre sua própria existência, desorganizando a percepção de si mesma e do mundo ao redor.

Esses traumas dividem-se em individuais, como o causado pelo abuso doméstico e sexual, enquanto os coletivos são decorrentes de tortura e repressão política, por exemplo. Em ambos os casos, os agressores utilizam mecanismos de controle e dominação que visam à destruição da autonomia e da identidade das vítimas, o que pode levar a profundas consequências psicológicas. Em decorrência disso se estabelece o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), que se manifesta de maneira complexa em casos de traumas repetitivos, como aqueles vividos por vítimas de violência prolongada, gerando o “trauma complexo”, marcado por uma desorganização profunda da personalidade. Nesses casos há a necessidade de intervenções específicas e diferenciadas, posto que as vítimas sofrem não apenas com memórias intrusivas e flashbacks, mas também com questões de autoimagem e relacionamento interpessoal (Herman, 2015).

O processo de recuperação proposto por Herman (2015) segue um modelo tripartite. A primeira fase, segurança, consiste na estabilização

emocional e física da vítima, assegurando que ela esteja livre de novas ameaças. A segunda fase, rememoração e luto, envolve o enfrentamento e a verbalização das memórias traumáticas, de forma a integrar essas experiências no arcabouço narrativo da vida da vítima, permitindo a elaboração do luto por aquilo que foi perdido. A fase final, reconexão, foca na restauração do senso de poder pessoal, na construção de novos relacionamentos e na retomada da autonomia, promovendo a reintegração da vítima à vida social.

Conclusão

Este artigo apresentou uma análise delineada do Efeito Golem em contextos de violência de gênero contra a mulher, ressaltando como crenças limitantes e expectativas sociais negativas atuam para manter comportamentos abusivos e consolidar dinâmicas de poder assimétricas.

A revisão bibliográfica e a discussão dos principais conceitos demonstraram que as expectativas negativas associadas a papéis tradicionais de gênero reforçam a submissão e a passividade feminina, criando um ciclo de violência no qual a mulher é gradualmente condicionada a aceitar o abuso como parte natural de seu contexto social. Assim, a manipulação emocional, a violência simbólica e a internalização de crenças de inferioridade surgem como mecanismos centrais que sustentam a violência de gênero, dificultando, e até impedindo, a identificação da vítima como alguém em situação de abuso e limitando suas possibilidades de reagir àquela situação.

A compreensão do Efeito Golem em contextos de violência de gênero mostra-se essencial para a elaboração de estratégias de prevenção e intervenção, de forma multifacetada. Isso porque ao se identificar como as crenças limitantes e as expectativas negativas são usadas para justificar e materializar comportamentos abusivos, profissionais de saúde, da educação, da segurança pública, de assistência social e formuladores de políticas públicas podem desenvolver abordagens mais eficazes para intervir de forma definitiva nesse cenário.

A conscientização sobre esses mecanismos

e a promoção de uma visão crítica das normas de gênero são passos muito importantes para promover relações igualitárias e reduzir a incidência de violência contra a mulher. Por isso, intervenções baseadas na desconstrução de crenças limitantes e na promoção de empoderamento feminino ajudarão a fortalecer a autonomia das mulheres e a prevenir a perpetuação dessas dinâmicas prejudiciais. Sabemos que o processo é longo e difícil, e para tanto não se pode pensar em prazos de programas, as iniciativas devem ser imediatas.

Sugere-se que pesquisas futuras explorem o impacto de intervenções educacionais e terapêuticas focadas na desconstrução de crenças limitantes e na promoção de mentalidades de crescimento, sobretudo ao empoderamento feminino, não só para mulheres em situação de violência, mas para toda a sociedade, incluindo os autores de violência, desde os bancos escolares.

Abordagens que integrem a conscientização sobre a influência das expectativas sociais no comportamento podem contribuir para transformar a percepção das mulheres sobre nós mesmas, sobre nossos papéis, e para neutralizar a influência de normas machistas sobre nós. Além disso, políticas públicas devem priorizar a educação e a conscientização sobre os efeitos prejudiciais das expectativas negativas, sobretudo as aliadas à dominação masculina, especialmente em ambientes domésticos e profissionais, onde essas crenças são frequentemente reforçadas. Igualmente deve haver a criação de programas de apoio psicológico e social para mulheres em situação de vulnerabilidade e campanhas educativas que promovam a igualdade de gênero, além do fortalecimento de iniciativas que trabalhem com homens autores de violência visando promover reflexão, responsabilização e mudança de comportamento. Somente uma abordagem integrada poderá contribuir para a transformação das relações sociais e a construção de uma sociedade verdadeiramente harmônica e livre de violência.

Referências

- Araújo, L. (2022). *Das origens do patriarcado ao surgimento do movimento feminista: A conscientização da mulher e a quebra de estereótipos machistas*. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 8(3), 1863–1881. <https://doi.org/10.51891/rease.v8i3.4779>
- Bourdieu, P. (2023). *A dominação masculina: A condição feminina e a violência simbólica*. Bertrand.
- Butler, J. (2002). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. Routledge. https://selforganizedseminar.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/07/butler-gender_trouble.pdf
- Connell, R. (2005). *Masculinities*. University of California Press.
- Dweck, C. (2006). *Mindset: The new psychology of success*. Random House.
- Herman, J. (2015). *Trauma and recovery: The aftermath of violence—from domestic abuse to political terror*. Basic Books.
- Hirigoyen, M.-F. (2018). *Le harcèlement moral: La violence perverse au quotidien*. Pocket.
- Jussim, L. (2012). *Social perception and social reality: Why accuracy dominates bias and self-fulfilling prophecy*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195366600.001.0001>
- Machado, R. (2020). *O sagrado feminino: Poder que vem de dentro — despertar, cura e empoderamento de mulheres*. *Cadernos Internacional Feminismo e Agroecologia*, 15(3), 1–6. <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6381/2426>
- Pontes, M., Marques, N., & Abreu, P. (2022). *Análise funcional da norma técnica uniformizadora dos centros de referência da mulher*. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 30(2), 303–317. <https://www.redalyc.org/journal/2745/274571191006/274571191006.pdf>
- Reblin, I., & Viana, N. (Orgs.). (2020). *Super-heróis, cultura e sociedade*. Edições Redelp.
- Rosenfeld, I. (2021). *Fragmentos de um homem de barro: O Golem e o poder de criação da palavra* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1912324_2021_completo.pdf
- Rosenthal, R., & Jacobson, L. (2003). *Pygmalion in the classroom: Teacher expectation and pupils' intellectual development*. Crown House Publishing. <https://gwern.net/doc/statistics/bias/1968-rosenthal-pygmalioninthe classroom.pdf>
- Saffioti, H. I. B. (2015). *Gênero, patriarcado e violência*. Fundação Perseu Abramo. https://fpabramo.org.br/editora/wp-content/uploads/sites/17/2021/10/genero_web.pdf